



# Brasil – 500 anos de encontros e de descobertas

Pedro Eduardo Mesquita de Monteiro Marinho  
Historiador – Museu de Astronomia e Ciências Afins

As comemorações dos 500 anos do descobrimento vêm despertando o país para uma série de reflexões. Porém, mais importante que festejar, é relembrar nossa História em busca de um melhor entendimento sobre a formação da nossa sociedade. O Brasil é abençoado pela sua diversidade cultural e pelas suas riquezas naturais. É o quarto maior país no mundo, mas guarda a triste marca de ser um dos campeões em desigualdade. Nessa “terra em que se plantando tudo dá”, as comemorações do descobrimento surgem como mais uma oportunidade para a discussão e reafirmação dos nossos valores. É onde mora o futuro.

Pensando na importância desse tema – e no papel fundamental que a leitura exerce na formação do cidadão e na construção de uma identidade nacional – a FNLIJ incluiu no seu catálogo de *Seleção dos Melhores Livros Brasileiros Infantis e Juvenís de 99* um capítulo especial com o resumo das melhores obras literárias que tratam do “descobrimento”.

*Brasil – 500 anos de encontros e descobertas*, texto do historiador Pedro Eduardo de Mesquita, foi justamente a introdução desse capítulo. Agora, estamos aproveitando para trazer até vocês a oportunidade de desfrutar dessa leitura gostosa e intrigante. Também nesta edição, você verá a lista dos resumos desses livros que foram publicados em nosso catálogo, feito especialmente para a Feira da Bolonha 2000.

**E**m março de 1500, navegantes portugueses partiram de Portugal em busca de riquezas. Eram 13 naus, comandadas por Cabral. Por mais de um mês cruzaram o oceano. Viagem difícil, cheia de contratemplos e de diferentes tempos. Eles queriam ver o outro lado do mar, mas também sabiam das dificuldades.

*“Ó Mar salgado. Quanto do teu sal, são lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, ó mar, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!”*

Algumas naus perderam-se, tripulantes morreram, mas, em 21 de abril daquele ano, a esquadra portuguesa avistou sinais de terra. No dia seguinte chegaram próximos a uma praia e dali viram “homens que andavam nus pela praia, uns sete ou oito... Pardos, nus, sem cousa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas”.<sup>2</sup> Foi a primeira descoberta. Os portugueses descobriram nossos índios, os índios descobriram os portugueses. Esse encontro trouxe muitas perdas. Milhões de índios morreram. Mas eles, os portugueses, vieram pra ficar.

Ficaram e foram à África buscar a gente daquele lugar para servir de escravos nas fazendas do Brasil. Aos escravos negros deram trabalho nas roças, deram a vida cruel das senzalas, deram açoites nos pelourinhos, separaram famílias.... Desta forma os africanos descobriram os portugueses que aqui estavam, descobriram os índios... descobriram o Brasil. Os índios e os portugueses descobriram os africanos. Eles, os negros africanos, vieram pra ficar. Misturaram-se aos outros... aos índios e aos portugueses. Foi um encontro difícil, mas estava sendo formado o povo brasileiro.

Mais tarde, a Europa em meio a uma enorme crise econômica não sabia o que fazer com seus filhos sem emprego, sem casa e sem comida. Essas pessoas sonhavam com uma vida melhor e para isso tiveram que deixar sua terra natal e vir para esse país distante e pouco conhecido. Um país que ainda podia ser descoberto. Assim, italianos, alemães, polacos, ucranianos, etc. descobriram o Brasil. Os brasileiros descobriram aquela gente branca, de fala esquisita e com um jeito de viver diferente. Foi outro encontro. Os europeus, vieram pra ficar.

Encontro de diferentes povos, com diferentes histórias. Cada um, índios, portugueses, africanos, italianos, alemães, polacos, etc., contou a sua história. Um descobriu o outro. Essa história toda se misturou e o Brasil aumentou.

O Brasil cresceu com um povo batalhador, um povo sonhador, que resistiu sempre e que, acima de tudo, conseguiu viver e sobreviver às nossas catástrofes. Um povo que aprendeu e ensinou. Um povo que produziu uma cultura sem igual, uma mistura de histórias que formou a nossa História. A História do Brasil.

Hoje, escritores e ilustradores brasileiros, traduzem nossa história, nossa vida, nosso dia a dia, nossas lutas, nossas conquistas e, também, nossas derrotas em seus livros. Livros que de uma forma ou de outra contam a história desses 500 anos de encontros e de descobertas.

1 Pessoa, Fernando. *Mar português*.

2 Caminha, Pero Vaz. *Carta ao Rei de Portugal D. Manuel*.

# FNLIJ entrega “Altamente Recomendáveis” na 16ª Bienal Internacional do livro de São Paulo



A Câmara Brasileira do Livro (CBL), em parceria com a Fagga Eventos, promove de 28 de abril a 7 de maio a 16ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo – a maior feira do mercado editorial brasileiro. Cerca de oitocentos expositores nacionais e estrangeiros participarão do evento, no Expo Center, onde mais de mil obras vão estar sendo lançadas. Durante a Bienal 2000, a CBL entregará o Prêmio Jabuti de literatura aos autores das 45 melhores produções nacionais do ano passado. A feira contará ainda com uma ampla programação cultural, desde debates até atividades infantis.

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil estará participando com a entrega do selo “Altamente Recomendável” aos melhores livros de literatura infantil e juvenil publicados no Brasil durante o ano de 1999. O certificado contempla autores, ilustradores e editores de livros nas categorias imagem, poesia, criança, jovem, informativo, teatro, livro brinquedo e tradução – sendo que esta última categoria se subdivide em tradução para livro infantil, juvenil e informativo. Além da entrega do selo, a FNLIJ estará divulgando uma lista de acervo básico, onde são destacados livros que não figuram entre os “Altamente Recomendáveis”, mas que merecem estar numa seleção de acervos para bibliotecas.

#### LOCAL DO EVENTO:

EXPO CENTER NORTE  
Rua José Bernardo Pinto, 333  
Vila Guilherme – São Paulo

DATA: de 28 de abril a 7 de maio, das 10:00 às  
22:00

INGRESSOS: R\$5,00 adultos; R\$2,50 estudantes

Entrada gratuita para professores,  
menores de 12 anos e maiores de 65 anos.

## Dica de Leitura

### Notícias acontece

Formadores de opinião, escritores, universitários e artistas estarão reunidos no I Salão do Livro de Porto Alegre, de 15 a 25 de junho, no Rio Grande do Sul. O evento será realizado no Centro de Eventos da PUC-RS. As inscrições estão abertas e podem ser feitas mediante pagamento. Mais informações pelos telefones (0xx51) 211-4996 ou 225-5096.

E no México, o "Seminário Internacional de Libros Texto" foi transferido para maio. O evento será realizado de 2 a 7 do mês, no World Trade Center da cidade do México, e é coordenado pela Comisión Nacional de Libros de Textos Gratuitos.

Regina Yolanda, autora e ilustradora de vários livros de literatura infantil e juvenil, dá a dica deste mês. Foi ela quem ilustrou *A casa da Madrinha*, de Lygia Bojunga Nunes, ganhador do Prêmio Orígenes Lessa – O melhor para O Jovem/FNLIJ (1978); e *Bisa bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado, livro que ganhou o Prêmio Jabuti da CBL na categoria Infantil (1983). Regina Yolanda também entrou na *Lista de Honra do IBBY*, indicada pela FNLIJ na categoria ilustrador.

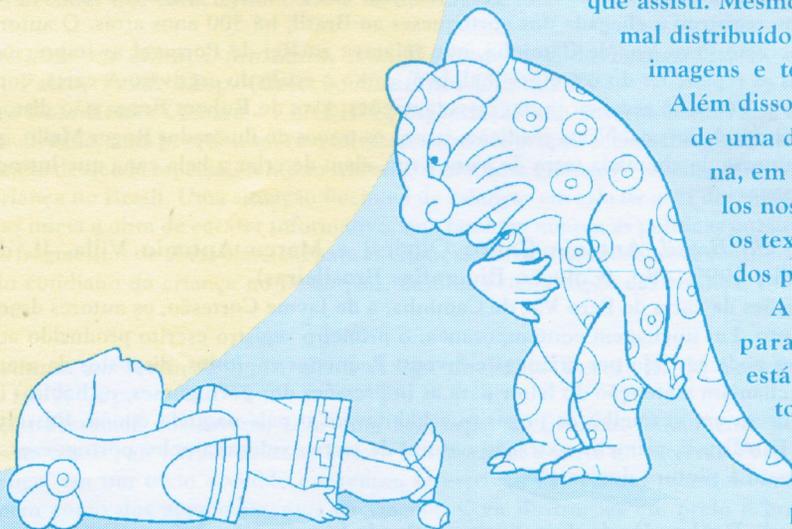
Regina Yolanda ainda foi vice-presidente do IBBY de 1978 a 1980, e membro do júri da Bienal de Ilustradores de Bratislava de 1973 a 1987. Desde 1994 é jurada do prêmio Fondation Espace Enfants de Genebra e também membro permanente do júri nas bienais de literatura infantil em Genebra, na Suíça.

#### Amor Índio, de Rui de Oliveira

Um livro para que seja objeto de atenção e preferência precisa apresentar várias qualidades. A primeira é a observação do objeto em sua totalidade que precisa atrair-nos. O tamanho, a harmonia das cores, o cuidadoso desenho, a organização dos cenários, a qualidade do papel, o respeito às margens, ... Depois do manuseio do livro e leitura cuidadosa das imagens, volta-se à capa para leitura do título, créditos e texto da história. Quantas vezes, após todo esse procedimento, a história não agrada? Mas nesse caso, eu sentia que dificilmente isso aconteceria, pelo cuidado com que foi feito o desenho animado que assisti. Mesmo assim, o texto poderia ser mal distribuído. Leio e releio com atenção imagens e texto, e isso não acontece.

Além disso, acho importante a seleção de uma das lendas da América Latina, em geral pouco conhecidas pelos nossos leitores, que leem mais os textos dos europeus do que os dos povos mais próximos a nós.

Amor índio é um texto para a José Olympio. Rui está de parabéns, bem como toda a sua jovem equipe, ao realizar esse trabalho que floresceu na produção de 1999.



Amor Índio: a paixão proibida de Conyra e Cuillac.  
Rio de Janeiro, 1999. José Olympio. 28p.

Regina Yolanda

Estes são os livros selecionados para a mostra “500 anos” do catálogo “Seleção dos Melhores Livros Infantis e Juvenis de 99” preparado para a Feira de Bolonha, na Itália.

*A noite dos cristais.* Luís Fulano de Tal. São Paulo: Editora 34, 1999. 128p.

Luís Fulano de Tal é pseudônimo de um escritor que conta a história de um negro brasileiro da primeira metade do século XIX, que certamente foi um “Fulano de tal”, um desconhecido. A escravidão, a vida na senzala, as notícias sobre escravos fugitivos são focados na novela, que é fruto de um manuscrito encontrado na Guiana Francesa. A emoção e os sentimentos do negro são aspectos privilegiados pelo autor que domina uma linguagem fluente e bem escrita. História e ficção se fundem, envolvendo o leitor nas ricas descrições de cenários e de hábitos. Algumas ilustrações em preto e branco da época acompanham a narrativa, precioso instrumento na compreensão da miscigenação brasileira.

*A verdadeira história dos selvagens, nus e ferozes devoradores de homens.* Hans Staden. Trad. de Pedro Sussekind. Projeto gráfico e Il. de capa Marcus Wagner. Rio de Janeiro: Dantes, 1999. 192p.

Narrativa espontânea, sem pretensões literárias, do soldado alemão Hans Staden sobre suas aventuras em solo brasileiro de 1548 a 1555. Esta publicação, destinada aos jovens, traz as inúmeras peripécias vividas por Hans junto aos indígenas brasileiros. Dividida em “Livro 1” e “Livro 2”, a obra traz um relato em pequenos capítulos, em linguagem direta e simples. Cada capítulo recebe um título, quase sempre explicativo: “Como os selvagens levaram-me à sua morada e como lidavam comigo lá”. Embora este documento traga um olhar estrangeiro sobre nossos indígenas, é importante para a compreensão das invasões e lutas que marcaram os primeiros anos da chegada dos portugueses e de outros europeus por aqui, como também a particularidade de cada povo indígena, seus hábitos e costumes. O projeto gráfico valoriza o texto e as imagens que reproduzem desenhos feitos por diferentes artistas, explorando os elementos relatados pelo autor.

*Carta a el Rey Dom Manuel.* Transcrita e comentada por Maria Angela Vilella. Fotografia de Antônio Caetano Santos. Il. de Jorge Valente. São Paulo: Ediouro, 1999. 100p.

Próximos de comemorar os 500 anos da chegada dos portugueses a nosso país, várias publicações dirigidas a crianças e jovens trouxeram a primeira carta escrita em solo brasileiro – a carta ao Rei Dom Manuel, de autoria do escrivão Pero Vaz de Caminha. Nesta publicação da Ediouro, destaca-se o belo projeto gráfico que vem com a versão em português arcaico e uma adaptação para o português contemporâneo. Notas acompanham a narrativa, auxiliando o leitor na leitura e compreensão do vocabulário. Ilustrações, desenhos, reproduções de mapas e de cartas constituem o conjunto plástico de imagens que transportam o leitor para aquele momento histórico, tão fundamental para o estudo do Brasil.

*Carta a el Rey Dom Manuel: versão moderna de Rubem Braga/Pero Vaz de Caminha.* Rubem Braga. Il. de Roger Mello. Rio de Janeiro: Record, 1999. 64p. reed.

Rubem Braga, ilustre escritor brasileiro conhecido pelas crônicas que produziu, apresenta-nos aqui uma versão do primeiro documento que registrou a chegada dos portugueses ao Brasil, há 500 anos atrás. O autor preservou a linguagem arcaica do escrivão Pero Vaz de Caminha, que relatava ao Rei de Portugal as impressões da terra “descoberta”. São mantidas as repetições do texto original, bem como o estilo do escrivão. A carta, considerada a certidão de batismo da nossa Terra, já recebeu inúmeras adaptações. Esta de Rubem Braga não distorce o texto original e está acessível à leitura de jovens. Nesta reedição, temos os traços do ilustrador Roger Mello, que explora a variedade cultural e a natureza da chamada terra de Vera Cruz, além de criar a bela capa que introduz o leitor no contexto cultural da época.

*Carta de achamento do Brasil.* Antonio Carlos Olivieri e Marco Antonio Villa. Il. de Rubem Matuck. São Paulo: Callis, 1999. 48p. (Coleção Biografias Brasileiras).

A partir de uma das versões da carta de Pero Vaz de Caminha, a de Jayme Cortesão, os autores desenvolveram a adaptação deste documento. Em linguagem contemporânea, o primeiro registro escrito produzido aqui quando da chegada dos portugueses pode ser lido por crianças e jovens. Pequenos capítulos, dispostos da maneira como o fez o escrivão Pero Vaz, chamam a atenção do leitor para as impressões dos portugueses, os hábitos indígenas... Ilustrações a traço reproduzem em vermelho os povos que habitavam o país naquela época. Ressalta-se que o vermelho, cor da madeira Pau-Brasil, primeira extração natural da terra explorada pelos portugueses, era a tinta utilizada pelos indígenas para a pintura dos corpos.

*Faz muito tempo.* Ruth Rocha. Il. de Eva Furnari. 9 ed. São Paulo: Ática, 1999. n.p. (Coleção Sambalelê). reed.

Reedição destinada à criança que conta alguns passos da viagem dos portugueses às Índias, tendo aí “descoberto”

o Brasil. Pedrinho, o personagem principal, é quem vai guiando o leitor por aventuras e descobertas semelhantes às vividas pela esquadra de Cabral. Ao chegarem à “ilha”, na verdade nosso país, há um relato da natureza e dos indígenas que aqui viviam. Destaca-se a linguagem simples e direta da premiada autora e o envolvimento da criança com a história do Brasil. Ilustrações em tons pastéis exploram registros históricos da viagem dos portugueses, recorrendo a elementos lúdicos do universo da criança. Acompanha o folheto informativo “500 anos do Descobrimento do Brasil”.

*Histórias e lendas do descobrimento: a história completa de como Cabral obteve o conhecimento para chegar às Terras de Santa Cruz e outros descobrimentos de 2000 a.C. a 1500 d.C.* Yuri Sanada e Vera Sanada. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. 226p.

Fugindo ao modelo de obras que relatam o descobrimento do Brasil pelos portugueses, esta publicação trouxe informações relevantes ainda desconhecidas do público. Os autores, sem formação acadêmica na área de História, são velejadores e fizeram um apanhado histórico da época das Cruzadas, das viagens anteriores a de Cabral. Muitas lendas acerca da conquista do Oceano Atlântico são apresentadas, como “A fabulosa Atlântida”, “Serpentes do mar e outros bichos”. O jovem leitor vai ter acesso a histórias e lendas que antecederam a chegada dos portugueses aqui. Ilustrações nas aberturas dos capítulos reproduzem imagens da época. É mais uma importante publicação neste momento em que retomamos o passado para construir a identidade nacional.

*Os fugitivos da esquadra de Cabral.* Angelo Machado. Il. de Lor e Thalma. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 144p.

A comemoração dos 500 anos do “Descobrimento do Brasil” pelos portugueses levou a várias publicações de caráter informativo. Em se tratando de história, o que é ficcional se aproxima muito do não ficcional. Neste título, o autor trabalhou com informações acerca das grandes navegações do século XVI (História) e criou uma aventura (ficção) entre dois adolescentes que foram os primeiros habitantes europeus do Brasil – juntamente com os degregados que para cá vinham. Com isso, envolve o jovem leitor na trama e no próprio contexto histórico. Ilustrações em preto e branco, semelhantes às que conhecemos através de livros de História do Brasil, acompanham a narrativa espontânea e instigante.

*Pindorama: terra das palmeiras.* Marilda Castanha. Il. da autora. Belo Horizonte: Formato, 1999. 36p. (Coleção 500 Brasis).

Marilda desenvolveu uma pesquisa sobre algumas populações indígenas que construíram/constroem a cultura brasileira. Partindo de uma vasta referência bibliográfica publicada ao final da obra, apresenta-nos um texto, de caráter informativo, sobre a origem, os hábitos, a alimentação, a moradia e as crenças de determinados povos indígenas como os Xavantes, os Pataxós, os Tupinambás e os Krahós. É nas ilustrações que o talento da autora se revela, seja pelas recriações que ilustra, seja pelo domínio do pincel que gera movimento, luz, sombra, profundidade. As cores valorizam o traço, em tons próximos às tintas naturais utilizadas por muitos indígenas, com a marca dos detalhes que caracterizam a arte da ilustradora.

*Uma história da criança brasileira.* Ana Dourado e Cida Fernandez. Il. de Andréa Vilela. Belo Horizonte: Palco, 1999. 128p. (Coleção Cadernos CENDHEC).

O Centro Dom Hélder Câmara – CENDHEC, organização não-governamental de Pernambuco, tem desenvolvido, há uma década, uma pesquisa sobre o fortalecimento de grupos sociais marginalizados. Esta publicação é fruto de uma reflexão dedicada especialmente ao trabalho social com crianças e jovens, apresentando um estudo histórico acerca da criança no Brasil. Uma situação ficcional de crianças em sala de aula desenvolvendo uma pesquisa sobre suas histórias inicia a obra de caráter informativo, que também aborda as políticas públicas destinadas aos menores e traz alguns fragmentos de obras clássicas para as crianças. Ilustrações em cores e reproduções de fotos acompanham a história do cotidiano da criança no nosso país, desde a catequização das crianças indígenas pelos jesuítas até a década de 90.

*Uma semana na terra de Vera Cruz.* Adap. de Fábila Terni. Il. de Camila Mesquita. São Paulo: Princípio, 1999. 72p.

Publicação destinada aos jovens, com uma adaptação do primeiro documento que registra a chegada dos portugueses no nosso país há 500 anos. A autora transformou a carta do escrivão Pero Vaz de Caminha ao então Rei de Portugal em um texto dividido em temas. O escrivão deixou um relato do cenário e da população aqui existentes bem como dos acontecimentos da viagem. Com ilustrações em preto e branco, em técnica mista, a ilustradora se orienta pelos temas (“enfeites nos beijos”, “moças bacana”) desenvolvidos pela escritora, criando imagens sobrepostas umas às outras.

*Canudos: fanatismo ou luta pela terra?* Renato Mocellin. São Paulo: Editora do Brasil, 1998. 40p.

O livro de Mocellin aborda a Guerra de Canudos levantando os problemas gerados pelo processo de exclusão social ao final do século XIX. Mostra as ambigüidades de Canudos: queriam criar uma sociedade mais justa, com uma divisão igualitária dos meios de produção e, ao mesmo tempo, acreditavam num Messias salvador. O autor apresenta também o processo econômico e social excludente que possibilitou o surgimento de um movimento desse porte e uma das maiores ações repressivas que esse país já viveu. O livro reproduz quadros de Portinari e utiliza imagens da época, e isso nos dá uma outra dimensão da vida do sertanejo brasileiro.

*O negro no Brasil: da senzala à abolição.* Júlio José Chiavenato. São Paulo: Moderna, 1999. 128p.

O livro *O negro no Brasil* nos dá um panorama da vida do negro nesses 500 anos: a saída da África, a viagem nos porões dos navios negreiros, a vida massacrante da roça e das senzalas, as torturas sofridas e as lutas de resistência. Chiavenato, polêmico em todas as suas obras, não faz concessões. A historiografia atual sobre a escravidão mostra elementos nesse processo que possibilitaram algumas brechas. O autor não toca nas brechas, ao contrário, vai fundo nesta mancha de nossa história. Utilizando-se de fontes primárias revela toda crueldade do sistema escravista e as suas conseqüências.

Cynthia Rodrigues

*Capitães do Brasil: a saga dos primeiros colonizadores.* Eduardo Bueno. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999. 288p. (Coleção Terra Brasilis, 3).

Dando continuidade à premiada Coleção Terra Brasilis, *Capitães do Brasil* narra a saga dos primeiros colonizadores enviados a partir de 1535 por D. João III, rei de Portugal, iniciando a divisão do país em Capitânicas Hereditárias. Eduardo Bueno conta, de forma atraente, essa história rica em aventuras protagonizadas pelos doze representantes do rei na colônia, apoiado em ampla pesquisa bibliográfica. Retratos e mapas da época ilustram o volume, enquanto janelas nas margens informam sobre fotos e termos citados no texto.

Laura Sandroni

APÓS A IMPRESSÃO DO CATÁLOGO DE BOLONHA, A FNLIJ  
RECEBEU OUTRAS OBRAS SOBRE OS "500 ANOS DO BRASIL",  
QUE APRESENTAMOS AQUI:

*Brasil, 500 anos de esperança.* Flávio Berutti. Il. de Mario Vale. Belo Horizonte: RHJ, 2000. 28p.

Talvez para se distinguir da profusão de lançamentos sobre o tema, o historiador Flávio Berrutti buscou informar de forma lúdica. A linguagem é leve e direta, num tom de indignação que nunca resvala na desesperança.

O livro inicia-se, naturalmente, com a chegada dos portugueses na visão dos índios. Do período colonial avança pela época do Brasil Imperial até chegar à República, não deixando de mencionar a escravidão e a imigração. Cabe salientar a menção aos "anos de chumbo" e ao "impeachment" de Fernando Collor.

O projeto gráfico do livro destaca os cartuns de Mario Vale, que fazem do livro uma leitura estimulante.

*Brasil: a descoberta.* Álvaro Cardoso Gomes. Il. de Avelino Guedes. São Paulo: Quinteto Editorial, 1999. 160p. (Col. Vertentes).

Neste livro, Álvaro Cardoso Gomes constrói uma narrativa bem urdida, ágil, aliando as características de um romance policial com pitadas de humor. As tribulações de um jovem português são entremeadas com fatos históricos próximos à Descoberta do Brasil. O órfão Manuel José é perseguido por marinheiros que cobiçam um tesouro guardado em um templo hindu. Para escapar, o garoto clandestinamente embarca em uma das caravelas comandadas por Cabral.

Cabe ressaltar o esmero do projeto gráfico que mescla as ilustrações de Avelino Guedes com representações pictóricas que remetem à cartografia da época. Sem dúvida, um objeto-livro que cativará o leitor jovem neste momento em que História do Brasil tornou-se um assunto de nosso cotidiano.

André Muniz de Moura

*Pedro, menino navegador.* Lúcia Fidalgo Il. de Andréia Resende. Rio de Janeiro: Manati, 2000. 24p.

Em prosa poética, a autora Lúcia Fidalgo conta a história do navegador Pedro Álvares Cabral, figura muitas vezes esquecida nos livros de História do Brasil. A fascinação pelo mar, o interesse pelo desconhecido são aspectos explorados no texto, que privilegia o ponto de vista da criança, sem dar respostas prontas e acabadas.

As informações históricas vão surgindo com leveza e arte, seja pelas palavras poéticas, seja pelas ilustrações bem realizadas. Estas exploram elementos das navegações e da terra "descoberta", contrastando azul e páprica. Belíssimo projeto gráfico, com páginas recortadas, transporta o leitor para um território desconhecido, o das navegações e também o do imaginário, que privilegia o sonho e a fantasia da criança.

Ninfa Parreiras

# Carta do autor

No final do ano passado chegou à FNLIJ, pelo e-mail, uma carta do autor Ricardo Azevedo, que retornava da viagem que fizera à Suécia, em companhia de Luís Camargo, para divulgar o livro infantil brasileiro. Agora publicamos a carta para que todos possam partilhar da bela experiência dos dois queridos autores.

Cara Beth,

Acabei retornando da Suécia antes do previsto e, como a viagem foi muito interessante, achei que valia a pena fazer um breve relato a você e à Fundação, afinal estivemos lá, o Luís Camargo e eu, representando o livro infantil brasileiro. Nossa viagem, patrocinada pelo Instituto Sueco e pela Universidade de Estocolmo, basicamente foi organizada pela prof<sup>a</sup> Fátima da Silva-Malver, professora de Português do Departamento de Espanhol e Português. Ela está preparando uma tese sobre literatura infantil (comparando os livros infantis suecos e brasileiros) e ficou interessada em nossos trabalhos como autores e pesquisadores. Foram cinco encontros. O primeiro, organizado pela prof<sup>a</sup> Boel Westin, do Instituto de Literatura da Universidade de Estocolmo (uma das maiores autoridades em livros infantis na Suécia), e Sonja Svensson, diretora do Instituto Sueco do Livro Infantil, ocorreu segunda-feira dia 25/10 no Instituto Sueco do Livro Infantil. No Instituto há publicações da FNLIJ (*Brasil! A bright blend of colours* assim como livros de Lygia Bojunga e Ana Maria Machado). A platéia era composta por interessados em literatura infantil, professores e editores. Nossas falas foram em inglês. Luís Camargo, com a palestra “A poesia infantil no Brasil”, traçou um panorama que se inicia com Alvarenga Peixoto (1744-1792) e sua mulher, Bárbara Eliodora (1759-1819), passa por Gonçalves Dias e Casimiro de Abreu, todos com poemas esporádicos para crianças, chega às antologias de João Rodrigues da Fonseca Jordão, Adelina Lopes Vieira, vai para Olavo Bilac e Henriqueta Lisboa, passa por Sidónio Muralha, Vinicius de Moraes e Cecília Meireles e chega aos mais recentes Sérgio

Capparelli e José Paulo Paes. Em minha palestra, “Literatura infantil brasileira atual: aspectos e problemas”, tentei dar alguns dados e números, de forma a contextualizar o Brasil, econômica e socialmente e, em seguida, abordei três temas que julgo importantes quando o assunto é livros para crianças no Brasil:

1• o fato de a literatura infantil ter sido muitas vezes, com Lobato e, depois, a partir de 70, suporte de temas e idéias políticas contrárias ou críticas ao regime vigente;

2• o fato de que muitos adultos brasileiros são incapazes de ler uma “literatura adulta” mas lêem livros para crianças (quando lêem alguma coisa);

3• a questão do uso da literatura infantil nas escolas, as adoções e os inúmeros e complexos problemas provenientes das relações escola, editora, literatura, autor. As palestras foram muito bem recebidas, suscitando depois um ótimo debate. Na terça-feira, tivemos um encontro, organizado por Ann Forslind e Tord Nygren, na Associação dos Ilustradores Suecos. O Tord inclusive já esteve no Brasil anos atrás dando palestras. Vários ilustradores e escritores participaram do encontro que acabou durando 4 horas. Conversou-se sobre tudo: editoras, condição profissional, propostas de trabalho de cada um etc. e tal. Não é preciso dizer que a noite foi muito rica e produtiva. Na quarta-feira à tarde, nosso encontro, organizado agora pelo Departamento de Espanhol e Português da Universidade de Estocolmo, foi realizado no Instituto Latino-americano, dentro da própria universidade. As palestras foram feitas em português. A platéia era composta de professores, alunos e interessados em assuntos latino-americanos. A pedido dos organizadores, repetimos as palestras realizadas no Instituto Sueco do

Livro Infantil. Foi um encontro muito bom, com inúmeras perguntas depois. O pessoal era diretamente interessado nos assuntos brasileiros. Na quinta-feira fomos para Karlstad à convite da Universidade de Karlstad. O encontro foi organizado por Helena Vermcrantz. Lá, almoçamos na universidade e, à tarde, fizemos palestras no Instituto de Educação, para professores e alunos. As palestras foram em inglês. O tema do Luís foi “A relação entre imagem e texto na ilustração de poesia infantil”, palestra baseada em sua dissertação de mestrado “Poesia infantil e ilustração: estudo sobre *Ou isto ou aquilo* de Cecília Meireles” (Unicamp). Em minha palestra, com o título “Dúvidas, problemas e questões, de um escritor brasileiro, sobre literatura para crianças” tentei resumir minha tentativa de classificação dos diversos tipos de livros para crianças, apresentada primeiramente em minha dissertação de mestrado “Como o ar não tem cor, se o céu é azul? Vestígios dos contos populares na literatura infantil”(USP) e depois no artigo “Livros para crianças e literatura infantil: convergência e dissonâncias” publicado, entre outras publicações, num recente boletim da Fundação. As palestras foram seguidas por uma rica discussão com a platéia. Na sexta-feira, ainda em Karlstad, passamos a manhã numa escola, conversando com crianças da 5ª e 6ª série. As crianças haviam passado a última semana estudando coisas do Brasil e preparando-se para o encontro. Foi uma coisa muito boa e gratificante. É sempre bom confirmar isso. Crianças são iguais em qualquer parte do mundo: alegres, bagunceiras, curiosas e criativas. Que bom! É isso aí.

Saudações do  
Ricardo Azevedo

# Biblioteca

Livros recebidos pelo CEDOP/FNLIJ até dezembro de 99

**ÁGALMA:** *Em busca da sombra*, de Suzana Montoro. (Col. Ariadne).

**ÁTICA:** *Contracorrente: conversas sobre leitura e política*, de Ana Maria Machado. (Série Temas, v. 70).

**CENDHEC / PALCO:** *Uma história da criança brasileira*, de Ana Cristina Dubeux Dourado e Maria Aparecida Fernandez. Il. Andréa Vilela.

**CENTRO DE CULTURA LUIZ FREIRE:** *Xukuru: filhos da mãe natureza; uma história de resistência e luta*, de Professores e lideranças do Povo Xukuru da Serra do Ororobá - PE.

**DANTES:** *A verdadeira história dos selvagens, nus e ferozes devoradores de homens*, de Hans Staden. Trad. Pedro Süsssekind.

**EDIURO:** *Carta a El Rey Dom Manuel*, de Pero Vaz de Caminha. Transcrita e comentada por Maria Angela Villela. Il. Jorge Valente. • *Histórias e lendas do descobrimento: a história completa de como Cabral obteve o conhecimento para chegar às Terras de Santa Cruz e outros descobrimentos de 2000 a .C. a 1500 d.C.*, de Yuri Sanada e Vera Sanada.

**FORMATO:** *O rei que ria*, de Marco Túlio Costa. Il. Luiz Maia.

**GRYPHUS:** *Temporada na es-*

*trada: histórias de uma banda de rock*, de Yves Passarell.

**OBJETIVA:** *A eterna privação do zagueiro absoluto*, de Luis Fernando Verissimo. • *Faróis de mi-lha: a aventura da primeira brasileira no rali Paris-Dacar*. Leilane Neubarth. Fotos de Walter Oliveira e Leilane Neubarth. • *Histórias brasileiras de verão*, de Luis Fernando Verissimo. • *O harém das bananeiras*, de Carlos Heitor Cony.

**SALAMANDRA:** *O distraído sabido*, de Ana Maria Machado. Il. Victor Tavares. (Col. Batutinha). • *Um gato no telhado*, de Ana Maria Machado. Il. Victor Tavares. (Col. Batutinha).

## MANTENEDORES DA FNLIJ

Abrelivros, Agir, Ao Livro Técnico, Ática, Atual, Ave Maria, BCD União de Editoras, Berlendis & Vertecchia, Brinque-Book, Callis, Casa Publicadora Brasileira, CBL, Cia. das Letrinhas, Clínica Ênio Serra, Compor, DCL, Dimensão, Ediouro, Editora do Brasil, Editora Globo, Editora Leitura, Editora 34, Encyclopaedia Britannica do Brasil, Exped, Formato, FTD, Global, Editora Globo, Gryphus, Hamburg Donneley Gráfica, José Olympio, Lê, Letras e Letras, Makron Books, Martins Fontes, Melhoramentos, Miguilim, Moderna, Nova Fronteira, Objetiva, Paulinas, PricewaterhouseCoopers, Projeto, Record, Relume-Dumará, RHJ, Rideel, Rocco, Salamandra, Saraiva, Scipione, Siciliano, SNEL, Thex Editora, Villa Rica.

### EXPEDIENTE

Fotolito e Impressão: PricewaterhouseCoopers •  
Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra • Redação: Gabriela Temer •  
Revisão: Ninfa Parreiras • Diagramação: Marcelo Ribeiro

GESTÃO 1998-2001 • Conselho Curador: Altair Ferreira Brasil, Ana Lygia Medeiros, José Bantim Duarte, Lília Maria Alves, Maria Antonieta Antunes Cunha, Rafael de Almeida Magalhães Conselho Diretor: Laura Sandroni, Marcos Pereira, Regina Bilac Pinto (presidente) Conselho Fiscal: Celina Rondon, Henrique Luz, Maria do Carmo Marques Pinheiro, Marcio Tavares d'Amaral, Regina Lemos, Terezinha Saraiva. Conselho Consultivo: Alfredo Weiszflog, Cláudio Mendonça, Ezequiel Theodoro da Silva, Edmir Perrotti, Ferdinando Bastos de Souza, Geraldo J. Pereira, Helena Rodarte, José Raymundo Martins Romeo, Lúcia Jurema Figuerôa, Maria Alice Barroso, Maura Ribeiro Sardinha, Paulo Rocco, Propício Machado Alves, Regina Yolanda, Victor Mussumeci, Wladimir Murtinho. Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Associe-se à FNLIJ e  
receba mensalmente Notícias.  
Tel.: (21) 262-9130  
e-mail: fnlij@ax.apc.org  
home page: www.fnlij.org.br

Apoio:

PRICEWATERHOUSECOOPERS 

Rua da Imprensa, 16 - 12º andar cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil tel.: (021) 262 9130 fax: (021) 240 6649 e-mail: fnlij@ax.apc.org

# 27º CONGRESSO MUNDIAL DO INTERNATIONAL BOARD ON BOOKS FOR YOUNG PEOPLE – IBBY

O Novo Mundo para um *MUNDO Novo*  
Cartagena das Índias, 18 a 22 de setembro de 2000



FNLIJ  
Notícias

A FNLIJ, seção brasileira do IBBY, está divulgando no Brasil o CONCURSO DE ILUSTRAÇÕES UTOPIA, que vai fazer parte das atividades culturais do 27º Congresso do IBBY.

Traduzimos, com exclusividade, o regulamento e o texto motivador para a criação das ilustrações, que é um fragmento do discurso de Gabriel García Márquez, no Prêmio Nobel da Suécia, em 1982.

## CONCURSO UTOPIA • REGULAMENTO

A ilustração para crianças e jovens na América Latina e no Caribe

Convidamos todos os ilustradores latino-americanos e do Caribe que trabalham na área de livros para crianças e jovens a participar na exposição UTOPIA. O objetivo desta exposição é promover e mostrar ao mundo o trabalho de ilustração realizado na América Latina e no Caribe. A exposição fará parte das atividades especiais do 27º Congresso Mundial do IBBY, que se realizará em Cartagena das Índias de 18 a 22 de setembro de 2000.

Posteriormente, vai itinerar pelos países membros do IBBY na América Latina e vai representá-la em eventos internacionais.

### REGULAMENTO:

- 1 • Poderão participar todos os ilustradores latino-americanos residentes em países da América Latina, membros ou não do IBBY.
- 2 • Os participantes ilustrarão um fragmento do discurso **A SOLIDÃO DA AMÉRICA LATINA**, pronunciado pelo escritor colombiano Gabriel García Márquez durante a cerimônia de entrega do Prêmio Nobel na Suécia, em 1982 (o fragmento encontra-se disponível na FNLIJ).
- 3 • A ilustração deve estar dirigida ao público infantil. Não é necessário que o ilustrador tenha livros publicados.
- 4 • Será aceita uma só ilustração por artista e somente em original, com os dados necessários para sua identificação.
- 5 • A obra poderá ser feita em qualquer técnica, em qualquer formato, mas que não ultrapasse uma área superior a 50 cm x 50 cm.
- 6 • Um júri internacional selecionará no máximo 80 obras que participarão da mostra e dará um primeiro prêmio e as menções que considerar convenientes.
- 7 • O ilustrador que ganhar o Primeiro Prêmio participará do Congresso de Cartagena com todos os seus gastos pagos.
- 8 • As ilustrações selecionadas serão de propriedade do Comitê Latino-americano do IBBY, sob a administração da Fundalectura, instituição que organizará a itinerância da exposição pelos países membros do IBBY interessados em exibí-la nos eventos internacionais.
- 9 • Os ilustradores das obras selecionadas cederão os direitos de reprodução nos meios necessários para divulgar a exposição, assim como nas diferentes publicações das seções latino-americanas do IBBY.
- 10 • Os gastos de envio, assim como os de seguro de transporte, correrão por conta dos participantes. Os trabalhos não selecionados serão devolvidos, na sede da Fundalectura em Bogotá, entre novembro de 2000 e março de 2001. A Fundalectura não cobrirá gastos de correio para devoluções.
- 11 • O fato de inscrever uma obra no Concurso UTOPIA supõe a aceitação, por parte do ilustrador, das condições expressas neste regulamento.
- 12 • Data limite para entrega de trabalhos UTOPIA na sede da Fundalectura em Bogotá/Colômbia: **1º de junho de 2000.**

FUNDALECTURA  
Sección Colombiana de IBBY  
Av. (calle) 40 n.º 16 - 46  
Teléfono: (571)320-1511  
Fax: (571)287-7071  
e-mail: fundalec@impsat.net.co  
http: www.fundalectura.org.co  
Bogotá – Colômbia

Maiores informações e o texto (fragmento) **A solidão da América Latina** podem ser solicitados à:

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL  
Rua da Imprensa, 16 – salas 1212 a 1215  
Cep.: 20030-120  
Rio de Janeiro – RJ Tel.: (21) 2629130 Fax.:  
(21) 2406649  
E-mail: fnlij@ax.apc.org

Concurso de ilustrações  
Utopia - IBBY

## A SOLIDÃO DA AMÉRICA LATINA (FRAGMENTO)

• GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ •  
NOBEL FOUNDATION, SUÉCIA

Antônio Pigafetta, um navegante florentino que acompanhou Magalhães na primeira viagem em volta do mundo, escreveu a sua maneira por nossa América Meridional uma crônica precisa que, sem dúvida, parece uma aventura da imaginação. Contou que havia visto porcos com o umbigo no lombo, e uns pássaros sem pés, cujas fêmeas chocavam nas costas dos machos. E outros como pelicanos sem língua, cujos bicos pareciam uma colher. Contou que havia visto um animal monstruoso com cabeça e orelhas de mula, corpo de camelo, patas de veado e relincho de cavalo. Contou que puseram o primeiro nativo que encontraram na Patagônia na frente de um espelho, e que aquele gigante exacerbado perdeu o uso da razão pelo pavor de sua própria imagem.

Este livro, breve e fascinante, no qual já se vislumbram os germens de nossas novelas de hoje, nada mais é que o testemunho mais assombroso de nossa realidade daqueles tempos. Os cronistas das Índias nos deixaram outros incontáveis. Eldorado, nosso país ilusório tão cobiçado, apareceu em inúmeros mapas durante vários anos, trocando de lugar e de forma segundo a fantasia dos cartógrafos. Em busca da fonte da eterna juventude, o mítico Alvar Núñez Cabeza de Vaca explorou durante oito anos o norte do México, em uma expedição lunática cujos membros se comeram uns aos outros, e só chegaram cinco dos 600 que a realizaram. Um dos tantos mistérios que nunca foram decifrados é o das onze mil mulas carregadas com cem libras de ouro cada uma, que um dia saíram de Cuzco para pagar o resgate de Atahualpa e nunca chegaram a seu destino. Mais tarde, na época da Colônia, vendiam em Cartagena das Índias umas galinhas criadas em terras de aluvião, em cujas moelas foram encontradas pedrinhas de ouro. Este delírio áureo de nossos fundadores nos acompanhou até

há pouco tempo. Ainda no século passado, a missão alemã encarregada de estudar a construção de uma estrada de ferro interoceânica no Canal do Panamá concluiu que o projeto era viável com a condição de que os trilhos não fossem de ferro, que era um metal escasso na região, mas que os fizessem de ouro.

A independência do domínio espanhol não nos livrou da demência. O general Antonio López de Santana, que foi três vezes ditador do México, fez enterrar com funerais magníficos a perna direita que perdeu na chamada Guerra dos Pastéis. O general García Moreno governou o Equador durante 16 anos como um monarca absoluto, e seu cadáver foi velado com seu uniforme de gala e sua couraça de condecorações sentado na cadeira presidencial.

O general Maximiliano Hernández Martínez, o déspota teósofo de El Salvador que exterminou em uma matança bárbara 30 mil camponeses, inventou um pêndulo para verificar se os alimentos estavam envenenados, e fez cobrir com papel vermelho a iluminação pública para combater uma epidemia de escarlatina. O monumento ao general Francisco Morazán, erguido na praça central de Tegucigalpa, é, na realidade, uma estátua do marechal Ney comprada em Paris em um depósito de esculturas usadas.

Há onze anos, um dos poetas notáveis do nosso tempo, o chileno Pablo Neruda, iluminou este recinto com sua palavra. Nas boas consciências da Europa, e às vezes também nas más, irromperam desde então com mais ímpeto do que nunca as notícias fantasmiais da América Latina, essa pátria imensa de homens alucinados e mulheres históricas, cuja teimosia sem fim se confunde com a lenda. Não tivemos um instante de sossego. Um presidente prometício entricheirado em seu palácio em chamas morreu brigando sozinho contra um exército, e dois desastres aéreos, suspeitos e nunca esclarecidos, ceifaram a vida de outro de coração generoso, e a de um militar democrata que tinha resgatado a dignidade de seu povo. Houve 5 guerras e

17 golpes de Estado e apareceu um ditador luciferino que em nome de Deus empreendeu o primeiro etnocídio da América Latina no nosso tempo. Enquanto isso, 20 milhões de crianças latino-americanas morriam antes de completar dois anos, que são mais do que os que nasceram na Europa Ocidental desde 1970. Os desaparecidos por motivos da repressão são quase 120 mil, e é como se hoje não se soubesse onde estão todos os habitantes da cidade de Upsala. Numerosas mulheres arrastadas grávidas deram à luz em cárceres argentinos, mas ainda se ignora o paradeiro e a identidade de seus filhos, que foram dados em adoção clandestina ou internados em orfanatos pelas autoridades militares. Por não querer que as coisas seguissem assim morreram cerca de 200 mil mulheres e homens em todo o continente, e mais de 100 mil pereceram em três pequenos e voluntariosos países da América Central: Nicarágua, El Salvador e Guatemala. Se isto tivesse acontecido nos Estados Unidos, a cifra proporcional seria de um milhão e seiscentas mortes violentas em quatro anos.

Do Chile, país de tradições hospitaleiras, fugiram um milhão de pessoas: 10 por cento da população. O Uruguai, uma nação minúscula de dois milhões e meio de habitantes, que se considerava o país mais civilizado do Continente, perdeu no exílio um de cada cinco cidadãos. A guerra civil em El Salvador provocou desde 1979 quase um refugiado para cada 20 minutos. O país que se pudesse fazer com todos esses exilados e os que foram forçados a emigrar da América Latina teria uma população mais numerosa que a da Noruega.

\* \* \*

Atrevo-me a pensar que foi esta realidade descomunal, e não somente sua expressão literária que este ano mereceu a atenção da Academia Sueca das Letras. Uma realidade que não é a do papel, e sim que vive conosco e determina cada instante de nossas incontáveis mortes cotidianas, e que sustenta um manancial de criação insaciável, pleno de desgraça e de beleza, do qual este colombiano errante e nostálgico não é

mais que uma cifra contemplada pela sorte. Poetas e mendigos, músicos e profetas, guerreiros e miseráveis, todas as criaturas daquela realidade desafortada tivemos que pedir muito pouco à imaginação, porque o desafio maior para nós tem sido a insuficiência dos recursos convencionais para fazer crível nossa vida. Este é, amigos, o nó da nossa solidão.

Pois se estas dificuldades entorpecem a todos nós, que somos de sua essência, não é difícil entender que os talentos racionais deste lado do mundo, extasiados na contemplação de suas próprias culturas, tenham ficado sem um método válido para interpretar-nos. É compreensível que insistam em medir-nos com a mesma vara com que se medem, sem lembrar que os estragos da vida não são iguais para todos, e que a busca da identidade própria é tão árdua e sangrenta para nós como foi para eles. A interpretação de nossa realidade com esquemas alheios somente contribui para fazer-nos cada vez mais desconhecidos, cada vez menos livres, cada vez mais solitários. Talvez a Europa venerável seria mais compreensiva se tratasse de ver-nos em seu próprio passado. Se lembrasse que Londres precisou de 300 anos para construir sua primeira muralha e outros 300 para ter um bispo; que Roma se debateu nas trevas da incerteza durante 20 séculos antes que um rei etrusco a implantasse em sua história, e que ainda no século XVI os pacíficos suíços de hoje, que nos deleitam com seus queijos macios e seus relógios impávidos, ensangüentaram a Europa como soldados do destino. Ainda no apogeu do Renascimento 12 mil mercenários a soldo dos exércitos imperiais saquearam e devastaram Roma, e passaram a faca em oito mil de seus habitantes.

Não pretendo encarnar as ilusões de Tonio Kroeger, cujos sonhos de união entre um norte casto e um sul apaixonado Thomas Mann exaltava há 53 anos neste lugar. Mas acredito que os europeus de espírito clarificador, os que lutam também aqui por uma pátria maior e mais justa, poderiam ajudar-nos melhor se revissem a fundo sua maneira de ver-nos. A solidariedade com nossos sonhos não nos fará sentir menos

sozinhos, enquanto não se concretizar com atos de respaldo legítimo aos povos que assumam a ilusão de ter uma vida mais própria na distribuição do mundo.

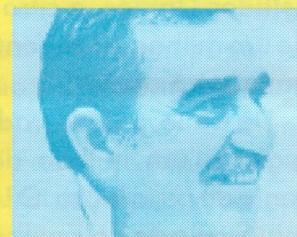
A América Latina não quer nem tem por que ser um alfil sem alvitre, nem tem nada de fabuloso que seus desígnios de independência e originalidade se convertam em uma aspiração ocidental. Não obstante, os progressos da navegação que reduziram tantas distâncias entre nossas Américas e Europa parece em troca ter aumentado nossa distância cultural. Por que a originalidade, que nos admitem sem reservas na literatura, nos negam com todo tipo de desconfianças nas nossas tentativas tão difíceis de uma mudança social? Por que pensar que a justiça social que os europeus de vanguarda tratam de impor em seus países não pode ser também um objetivo latino-americano com métodos distintos em condições diferentes? Não: a violência e a dor desmedidas de nossa história são o resultado de injustiças seculares e amarguras sem cômputo, e não uma confabulação urdida a 3 mil léguas de nossa casa. Mas muitos dirigentes e pensadores europeus acreditaram no infantilismo dos avós que esqueceram as loucuras frutíferas de sua juventude, como se não fosse possível outro destino senão viver à mercê dos dois grandes donos do mundo. Este é, amigos, o tamanho de nossa solidão.

No entanto, frente à opressão, ao saqueio e ao abandono, nossa resposta é a vida. Nem os dilúvios nem as pestes; nem as fomes nem os cataclismos; nem sequer as guerras eternas através dos séculos e os séculos conseguiram reduzir a vantagem tenaz da vida sobre a morte. Uma vantagem que aumenta e se acelera: cada ano há 74 milhões mais de nascimentos que de falecimentos, uma quantidade de vidas novas que aumentaria sete vezes cada ano a população de Nova York. A maioria delas nasce nos países com menos recursos, e entre estes, é claro, os da América Latina. Por outro lado, os países mais prósperos conseguiram acumular suficiente poder de destruição para aniquilar cem vezes não somente a todos os seres humanos que existiram até hoje, mas a totalidade dos seres vivos que passaram por este planeta de infortúnios.

Um dia como o de hoje, meu mestre William Faulkner disse neste lugar: "Me nego a admitir o fim do homem". Não me sentiria digno de ocupar este lugar que foi dele se não tivesse a consciência plena de que pela primeira vez desde as origens da humanidade, o desastre colossal que ele se negava a admitir há 32 anos é agora nada mais que uma simples possibilidade científica. Diante desta realidade surpreendente que através de todo o tempo humano deve ter parecido uma utopia, inventores de fábulas que em tudo acreditamos, nos sentimos com o direito de acreditar que ainda não é muito tarde para empreender a criação da utopia contrária. Uma nova e arrasadora utopia da vida, onde ninguém possa decidir pelos outros até a forma de morrer, onde deveras seja certo o amor e seja possível a felicidade e onde as estirpes condenadas a cem anos de solidão tenham por fim e para sempre uma segunda oportunidade sobre a Terra.

(Tradução: Ninfa Parreiras / Revisão: Laura Sandroni)

Gabriel García Márquez nasceu em 6 de março de 1928, na cidade colombiana de Aracataca – a Macondo de seus livros. Entre suas obras estão *Cem anos de solidão* e *O amor nos tempos do cólera*. Gênio do realismo fantástico, afirma que o romance ideal "é o absolutamente livre, que inquiete não só por seu conteúdo, mas também pelo seu poder de penetração na realidade; melhor ainda se for capaz de virar a realidade ao contrário para mostrar como é o outro lado."



Parte Integrante do  
*Notícias 3 de 2000*  
Fundação Nacional do  
Livro Infantil e Juvenil

Responsável:  
Elizabeth D'Angelo  
Serra

Fotolito e Impressão:  
Price Waterhouse